

“Diário de Lisboa”: o logotipo da memória

Marina Tavares Dias*

Terá sido, culturalmente, o jornal português mais importante deste século. De Almada a Nemésio, de Pessoa a Sérgio, de Aquilino a Cortesão, de Abelaira a Sarraago, o “Diário de Lisboa” marcou obras e vanguardas e formou várias gerações. O peso de tantos nomes não chegou, contudo, para evitar o encerramento. Já no fim deste mês.

Lisboa nos anos 20. Quinta-feira, 7 de Abril de 1921. O “Diário de Lisboa” começa a publicação, provisoriamente instalado no número 90 da Rua do Carmo. As janelas abrem-se sobre requintes do comércio mais luxuoso, mas o velho segundo andar deste prédio pombalino ainda se assemelha pouco a uma Redacção: os quartos são acanhados, o acesso à rua é feito por escada íngreme de degraus carunchosos. De noite, os ratos cruzam-se por baixo das bancas dos redactores e sobre a “mesa da estiva” onde, ao centro da sala mais larga, são revistas as provas tipográficas.

Almada Negreiros tem um estirador nessa sala. Para o primeiro número do jornal, traça a tinta-da-china o destino adivinhado dum vespertino de vanguarda. São esboços da vida contemporânea: carros eléctricos, mulheres de saia curta em plena Baixa, luvárias da moda, casas de chapéus. António Ferro escreve um poema sobre essas ilustrações. Ao alto da terceira página, em título garrafal, como um segundo logotipo, manda compor: “Rua do Ouro”. Na página nobre do primeiro número, Almada e Ferro assinam, juntos, uma opção do próprio fundador: falar da modernidade, divulgar a poesia, dar emprego aos ilustradores e privilegiar temáticas olisiponenses.

Ferro e Almada serão presença constante no “DL” de Joaquim Manso e Alfredo Vieira Pinto. Almada “muda-se” com o jornal, para a Rua Luz Soriano número 44, em 1923. Aqui arranja esconderijo “de exílio e inspiração”, na parte desocupada do sótão. Muitas vezes lá dorme, descendo à Redacção pela manhã, saltando pelo buraco do tecto, assustando os colegas mais “engomadinhos”.

As novas instalações ligam dois prédios, com entradas pela Luz Soriano e pela Rua da Rosa (dois anos depois, a administração adquire o terceiro imóvel, onde ficará uma parte do parque gráfico). Na sala ampla e arejada do primeiro andar, às me-

sas de trabalho sentam-se, frente a frente, Rodrigues Pereira e Stuart Carvalhaes, Thomaz Ribeiro Colaço e Pedro Bordallo Pinheiro, António Ferro e Álvaro de Andrade, Norberto Lopes e António Carneiro, Artur Portela e Sarmento Duque, Carmen Marques e Vasconcellos e Sá, Miguel Martins e Sá Pereira.

A lista de colaboradores do novo jornal não passa por alto quase nenhum dos nomes que se distinguem nas artes e nas letras: Diogo de Macedo, Afonso de Bragança, Raul Proença, Fernanda de Castro, João de Barros, Afonso Lopes Vieira, Alfredo Pimenta, Jaime Cortesão, Raul Brandão, Augusto Casimiro, André Brun, Jorge de Faria, João Ameal, Cardoso Martha, Victoriano Braga, Albino Forjaz Sampaio, Rocha Júnior, Victorino Nemésio, João Paulo Freire, Bernardo Marques, Jorge Barradas, Eduardo Faria, Sanches da Costa, Telles Machado, etc.

Em Paris, Carlos Alberto Ferreira é o primeiro correspondente internacional. Foi amigo íntimo de Mário de Sá-Carneiro, sobre o qual escreve um texto que obriga a réplica do pai do poeta. E, em Maio de 1921, entrevista Henry Bataille em exclusivo para o “DL”: “Graças ao isolamento

em que vivo, não sou muito sensível às opiniões várias”, diz o dramaturgo, entre duas chávenas de café.

“A República em marcha”

No dia 30 de Novembro de 1921, o Presidente António José de Almeida comunica, em primeira página, a opinião sobre aquele que é, também, o jornal que costuma ler: “(...) o seu esforço jornalístico será sempre bem-vindo, porque ele representa o Patriotismo em acção e a República em marcha”.

Stuart Carvalhaes desenha, em 1926, uma figurinha da menina-República com legenda assim: “Quem é que salva esta rapariga?”.

Nos anos 30, a censura instala-se (primeiro a medo — os textos aparecem com colunas em branco —, depois assumidamente). Joaquim Manso encomenda, para a escadaria do jornal, azulejos de figura avulso, onde Stuart e Jorge Barradas glosam alguns temas. Uma das figuras mostra o jornalista de rolha na boca e tesoura sobre a cabeça.

Também na década de 30, chega Fernando Pessoa. É no “DL” que Pessoa deixa, em 35, a sua crítica aparentemente favorável ao mediocre livro “Romaria”, do padre Vasco Reis. É também para o “DL” que escreve o célebre artigo de defesa das associações secretas. João Gas-

par Simões traça dele um retrato póstumo, na edição de 17 de Abril de 1936: "Lembro-me de que a primeira impressão que a figura física de Fernando Pessoa deixou em mim foi a de um corpo dependurado". Para recordar "o outro Orpheu" (Sá-Carneiro), contam os leitores com Rogério Perez, jornalista da casa, em tempos colega de liceu do jovem Mário.

A década de 30 termina entre duas tragédias. Os artigos históricos de Mário Neves transmitem, de Badajoz, palavras pungentes sobre a Guerra Civil de Espanha. Pouco tempo depois, Joaquim Manso diria, num editorial: "A civilização procede algumas vezes como Judas que vendeu Jesus por trinta dinheiros". Tinha começado a Segunda Guerra Mundial. Ao longo da década de 40, passarão ainda pelo "DL" Manuela de Azevedo, Francine Benoit, Fernando Lopes Graça, Manuela Porto, Adolfo Casais Monteiro...

Aquilino celebra, em 1950 e com destaque de primeira página, o centenário de Balzac. Em 56, António Sérgio explica aos leitores o que entende por Cultura. Uma sintética antologia dessa época passa pelos nomes e pelos artigos de Urbano Tavares Rodrigues, Mário Henrique Leiria, Ilse Losa, Vieira de Almeida, Ferreira de Castro, Fernando Namora, Jacinto do Prado Coelho, Ramada Curto, Alberto de Serpa, António Sérgio. Em 1952, morre, praticamente no activo, o grande olisipógrafo Norberto de Araújo. Foi o menino de ouro dos primórdios do "DL"; o maior jornalista do seu tempo. Deu ao jornal três

décadas da sua vida.

"Acima das fraquezas dos homens"

Para inaugurar o ano de 59, Mário Cesariny de Vasconcelos escreve assim no "DL": "Surrealistas, surrealizantes, surrealístóides e surrateiras, eis uma classificação, em escala descendente (...), que proponho à crítica para todas as obras de arte produzidas em 1958".

Entre 50 e 70, o "Suplemento Literário" marca época, com coordenação, em fases sucessivas, de Álvaro Salema, Mário Sacramento, Alexandre Pinheiro Torres e Vítor Silva Tavares. No início dos anos 60, no "Juvenil" (coordenado por Mário Castrim), revela-se uma nova geração de poetas. Com aposta renovada na zona cultural e literária, surgem outras assinaturas no "DL": Augusto Abelaira, Keil do Amaral, António Ramos Rosa, Natália Correia, Alexandre Babo, Castelo Branco Chaves, Mário Dionísio, David Mourão-Ferreira, Almeida Faria, Chianca de Garcia, Vasco Granja, Ruben Andersen Leitão, Adriano de Gusmão, José Gomes Ferreira, Eduardo Lourenço, Alexandre O'Neill, Carlos de Oliveira, José Saramago, Arnaldo Saraiva, Jorge Peixinho, Joel Serrão, além dos jornalistas Afonso Praça, Renato Boaventura, Manuel Beça Múrias, Assis Pacheco, Joaquim Letria, José Carlos Vasconcelos, etc.

As interrogações e os sobressaltos da década são pistas que Rodrigues Miguéis lança, num texto de 1963, chamado "A Fatalidade da Consciência": "Mas progredimos realmente como homens? O progresso não estará só nas coisas?".

Com a "Primavera marce-lista", começa a publicação de "A Mosca", imaginada por Cardoso Pires, Assis Pacheco, Pinheiro Torres, Pedro Alvim e Sttau Monteiro. Tal como Stuart e Valença ilustraram as tristezas do Estado Novo, é também um ilustrador quem dá aos leitores do "DL" a primeira imagem perene do 25 de Abril. João Abel Manta ocupa as centrais da edição do dia 28: é um cartaz "naif", uma rosa florindo ainda rente ao chão, o sobressalto de quem acorda do pesadelo e se pergunta (em legenda): "Primavera?".

Em Maio de 74, homenageiam-se os escritores portugueses que "não viram a liberdade". Grande parte dos evocados tivera, no "DL" das décadas anteriores, campo de manobra em colaborações literárias que a censura trazia de olho. Quantos textos foram trabalhados até a exaustão para que, no "DL", escapassem ao traço azul? Quantos palavras, ideias conseguiram "passar", sob a benção de três directores sucessivos: Joaquim Manso, Norberto Lopes, Ruella Ramos?

A herança cultural do "Diário de Lisboa" transforma-o no jornal mais amado — e mais cobijado — da década de 60. Um pouco afastados, por via política, dos tempos mais "literários", os anos 70 são marcados pelos melhores textos sobre património arquitectónico. José-Augusto França (em 1990, ele é o decano dos

colaboradores do jornal) lança, permanentemente, novos alertas. Também nesta fase "política", o "DL" reflecte um mundo que lhe é imediato. Mas projecta já as temáticas de futuras modas culturais.

No início da década seguinte, surge — com Manuel de Azevedo, Pedro Alvim, Luís de Miranda Rocha e Ernesto Sampaio — novo suplemento literário ("Ler/Escrever") e um concurso serve de pretexto para a divulgação de muitos desenhos do precioso arquivo. Ao longo de semanas, o "Sempre Fixe" de Stuart, Botelho, Almada, Barradas, Pargana e Valença volta a ser distribuído, em edições "antológicas", com o jornal do dia. Será a única vez que o "DL" recorrerá ao seu precioso capital de memórias.

Agora, a comissão liquidatória de tão grande herança deverá ter, como obrigação final, uma projecção no futuro de tantas obras, tantos nomes, tantas vozes que fizeram este jornal. Uma lista brilhante e quase interminável não pode ser sepultada no silêncio de um encerramento burocrático.

As grossas lombadas de percalina vermelha alinhadas na sala de reuniões da Rua Luz Soriano registam apenas meses, trimestres, anos. Mas o século XX português resguarda-se lá por dentro.

O cabeçalho que protegeu tantas assinaturas notáveis arrisca-se a desaparecer sem deixar rasto ou memória descritiva. O mesmo cabeçalho sob o qual, a 7 de Abril de 1921, Joaquim Manso formulou um desejo: que o "DL" se erguesse sempre "acima das fraquezas dos homens"... ■

*Jornalista do "Diário de Lisboa"